



UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE DA CATEGORIA MODALIDADE NA FALA DE PESSOAS AUTISTAS

A MODAL ANALYSIS OF CATEGORY MODALITY IN THE SPEECH OF AUTISTIC INDIVIDUALS

UN EJERCICIO DE ANÁLISIS DE LA CATEGORÍA DE MODALIDAD EN EL HABLA DE PERSONAS AUTISTAS

 <https://doi.org/10.56238/levv17n57-029>

Data de submissão: 10/01/2026

Data de publicação: 10/02/2026

Aroldo Pereira da Rosa

Mestrando em letras

Instituição: UNICESUMAR, Faculdade Cidade Verde, Instituto Paranaense de Ensino (IPE)

Orcid: 0000-0002-4867-0359

Fernanda de Carvalho Polonio

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Orcid: 0000-0002-7036-6409

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise da manifestação das modalidades na fala de uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista, a partir de dados provenientes de uma intervenção realizada durante o Dia do Orgulho Autista, na Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal do Brasil. O estudo examina as expressões de modalidade presentes no discurso, considerando o contexto de produção e os efeitos de sentido construídos. A oradora, representante de pessoas autistas, buscou elucidar o significado do Orgulho Autista. A análise das expressões modais revela um uso predominante da modalidade deontica, associada à expressão de obrigações, direitos e restrições sociais vivenciadas por pessoas com TEA. Além disso, o estudo investiga a influência das dificuldades de linguagem associadas ao Transtorno do Espectro Autista na manifestação das modalidades. Os resultados indicam que, embora tais dificuldades influenciem a forma de realização das modalidades, não alteraram de modo relevante os efeitos de sentido produzidos no discurso analisado, contribuindo para uma compreensão funcional da modalização na fala de indivíduos com TEA.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Modalidade. Dia do Orgulho Autista. Dificuldades de Linguagem.

ABSTRACT

This article presents a tripartite analysis of data drawn from the speech of an autistic individual during a discussion held on Autistic Pride Day at the Human Rights Commission of the Brazilian Federal Senate. The study examines contextual production, modal expressions, and the intended effects of the discourse. Acting as a representative of autistic people, the speaker sought to elucidate the meaning of Autistic Pride. The analysis of modal expressions reveals a predominant use of deontic modality, addressing social obligations and restrictions experienced by autistic individuals. In addition, the study explores the impact of language difficulties associated with Autism Spectrum Disorder (ASD) on

modal expression. Despite these linguistic challenges, the analysis suggests that such difficulties did not significantly alter the intended meaning of the speaker's discourse. The findings contribute to a functional understanding of how modality manifests in the speech of individuals with ASD.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Modality. Autism Pride Day. Language Difficulties.

RESUMEN

Este artículo presenta un análisis de la manifestación de modalidades en el habla de una persona con Trastorno del Espectro Autista (TEA), basado en datos de una intervención realizada durante el Día del Orgullo Autista en la Comisión de Derechos Humanos del Senado Federal de Brasil. El estudio examina las expresiones modales presentes en el discurso, considerando el contexto de producción y los efectos de significado construidos. El hablante, representante de personas con TEA, buscó dilucidar el significado del TEA. El análisis de las expresiones modales revela un uso predominante de la modalidad deontica, asociada a la expresión de obligaciones, derechos y restricciones sociales que experimentan las personas con TEA. Además, el estudio investiga la influencia de las dificultades lingüísticas asociadas con el TEA en la manifestación de modalidades. Los resultados indican que, si bien dichas dificultades influyen en la forma en que se materializan las modalidades, no alteraron significativamente los efectos de significado producidos en el discurso analizado, lo que contribuye a una comprensión funcional de la modalización en el habla de las personas con TEA.

Palabras clave: TEA. Modalidad. Día del Orgullo Autista. Dificultades del Lenguaje.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar a manifestação das modalidades na fala de uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista, considerando, a partir de uma perspectiva funcionalista, a possível influência das dificuldades de linguagem associadas ao TEA na forma de realização dessas modalidades. Para a constituição do cörper, foram utilizados dados extraídos da transcrição da fala de Amanda Paschoal, proferida na Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal, por ocasião do Dia do Orgulho Autista. A análise fundamenta-se em uma perspectiva funcionalista, que considera aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos da linguagem.

O texto está organizado em três seções centrais. Na primeira, apresentam-se as características do Transtorno do Espectro Autista, com ênfase na linguagem da pessoa autista. Na sequência, desenvolve-se um recorte teórico voltado à discussão da categoria modalidade. Por fim, são apresentados os dados do estudo, bem como a análise desses dados.

2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Iniciam-se as considerações com a apresentação das principais características da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Na primeira parte desta seção, é realizado um panorama geral acerca dos critérios que definem um indivíduo como pertencente ao espectro autista e, na sequência, aprofundam-se as especificidades relacionadas à linguagem da pessoa com TEA.

2.1 CARACTERÍSTICAS

O termo autismo foi empregado pela primeira vez por Leo Kanner, médico da Universidade Johns Hopkins, em um de seus artigos científicos. Embora suas observações estejam atualmente superadas, permanece ao pesquisador o papel histórico de ter sido o primeiro a identificar e descrever tais características.

Atualmente, comprehende-se que a causa do autismo é predominantemente de natureza genética. Entretanto, fatores ambientais — como o nascimento prematuro, a exposição a medicamentos capazes de provocar lesões ou desordens neurológicas e a falta de oxigenação cerebral, entre outras hipóteses ainda em investigação — também podem exercer influência no desenvolvimento do quadro.

É consenso que o Transtorno do Espectro Autista tem apresentado crescimento significativo nas últimas décadas. No Brasil, dados do IBGE indicam a ocorrência de um caso a cada cem crianças. Em outros países, essa frequência é ainda mais elevada, como nos Estados Unidos, onde um a cada setenta e oito indivíduos recebe o diagnóstico, e no Japão, onde registros populacionais apontam um diagnóstico a cada quarenta e oito nascimentos (MONTEIRO, 2019). Esse aumento no número de pessoas diagnosticadas com TEA evidencia a necessidade de refletir sobre estratégias sociais que possibilitem uma interação efetiva desses indivíduos com o meio em que vivem, conforme orienta a



Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (BRASIL, 2012), com vistas à eliminação de barreiras que favorecem a exclusão.

Em decorrência dessa crescente demanda populacional, os estudos sobre o autismo têm se ampliado e alcançado maior visibilidade. Suas características vêm sendo cada vez mais bem delimitadas, o que tem favorecido diagnósticos precoces mais precisos e abrangentes (GRANDIN; PANEK, 2016).

Como mencionado no início desta seção, desde o trabalho de Kanner até os dias atuais, diversas nomenclaturas e definições relacionadas ao autismo passaram por reformulações. Em produções relativamente recentes, encontram-se denominações como autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo atípico, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, transtorno de Asperger, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação e transtorno desintegrativo da infância. Com a publicação do DSM-5 (2013), todos esses quadros passaram a ser reunidos sob uma única classificação: Transtorno do Espectro Autista, atualmente organizado em níveis de suporte — leve, moderado e severo.

O DSM-5 também explicita os termos que compõem a denominação do diagnóstico. Nessa perspectiva, transtorno refere-se a uma desordem neurológica, enquanto espectro diz respeito ao conjunto de características semelhantes observadas em quadros autísticos, compreendidos como distúrbios do desenvolvimento infantil. As principais características do TEA, segundo o manual, são:

- dificuldades de interação social;
- dificuldades de comunicação;
- dificuldades de linguagem;
- dificuldades de modulação sensorial;
- inflexibilidade neurológica;
- estereotipias.

A Organização Mundial da Saúde, por meio da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde — CID-11 (2019), também promoveu o agrupamento das terminologias que, na versão anterior, encontravam-se distribuídas no grupo F84 — Transtornos Globais do Desenvolvimento (CID-10, 1993).

Atualmente, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (2019), esses diagnósticos estão reunidos no grupo 6A02 — Transtorno do Espectro Autista —, o qual abrange dificuldades de interação social, limitações na linguagem e na comunicação social, além de padrões de comportamento rígidos, interesses restritos e repetitivos.

O Transtorno do Espectro Autista caracteriza-se como um distúrbio do neurodesenvolvimento, ou seja, uma desordem neurológica. Não se trata de uma lesão cerebral, mas de um funcionamento

oscilante. Biasão (2014) aponta que exames de neuroimagem já identificaram crescimento atípico de regiões como o córtex parietal — responsável pela codificação de estímulos externos — e o córtex pré-frontal — relacionado ao planejamento de ações conscientes — em pessoas com TEA. Além disso, indivíduos com esse diagnóstico apresentam a formação de microcolunas cerebrais, o que torna suas respostas neurologicamente mais hiperexcitáveis. Enquanto um cérebro típico tende a executar uma ação por vez, um cérebro atípico pode realizar múltiplas ações simultaneamente, nem sempre com a qualidade receptiva necessária.

As principais dificuldades observadas na pessoa com autismo concentram-se nas áreas sensorial, de interação social e de comunicação. As alterações sensoriais comprometem a relação do sujeito com o ambiente, uma vez que estímulos auditivos, visuais, olfativos, gustativos e sensório-motores (tato, propriocepção e sistema vestibular) podem ser percebidos de maneira intensificada (hipersensibilidade) ou reduzida (hipossensibilidade). Considerando que todas as informações alcançam o cérebro por meio dos sentidos, alterações nesse processamento limitam a vivência plena das experiências sociais.

As dificuldades de interação social e de linguagem também se relacionam ao desenvolvimento atípico da região pré-frontal em cérebros de pessoas autistas, refletindo restrições na idealização e no planejamento de ações. Tais limitações podem comprometer construções dialógicas que exigem organização discursiva e generalização de ideias.

Entre as características observadas em indivíduos com TEA, as dificuldades de interação social e de linguagem permanecem recorrentes desde os primeiros estudos até as publicações mais recentes. Rogers e Dawson (2014) indicam que tais dificuldades podem ser consideradas o núcleo do autismo. Dessa forma, compreender os modos de comunicação e interação dessas pessoas torna-se fundamental para a efetivação de sua inclusão na sociedade.

2.2 A LINGUAGEM DA PESSOA AUTISTA

“A linguagem representa um dos aspectos de maior relevância do comportamento humano e sustenta, em grande parte, as relações sociais ao longo de toda a vida” (SILVA; MORELI; ROMA, 2015, p. 74). Esta subseção inicia-se com essa citação por ela sintetizar a centralidade da linguagem no cotidiano e evidenciar como prejuízos nessa área podem inviabilizar a participação efetiva do indivíduo na sociedade. A essa reflexão soma-se outra passagem, extraída da mesma obra, segundo a qual “a linguagem pode ser compreendida como um recurso facilitador, o qual permite decifrar códigos que permeiam o mundo ao redor e as formas como o indivíduo produtor da linguagem concebe esse mundo” (SILVA; MORELI; ROMA, 2015, p. 39).

Na primeira parte desta seção, foram apresentados dados relativos à frequência de casos de pessoas com TEA em diferentes países. Ao abordar, agora, a linguagem, introduz-se mais um dado de caráter fundamental:

Entre 30 a 40% das crianças com TEA não desenvolvem linguagem verbal e as que desenvolvem apresentam limitações de graus variados na habilidade de atingir o intuito final da comunicação de permitir a interação com o outro (CUNHA; BORDINI; CAETANO, 2015, p.18)

Pessoas com TEA podem apresentar dificuldades na generalização de conceitos; muitas desenvolvem a fala de forma tardia, enquanto outras não chegam a adquirir essa habilidade. Na revisão de literatura, encontra-se a seguinte descrição acerca das habilidades linguísticas de indivíduos com TEA:

De modo geral, o domínio de estruturas linguísticas flexíveis essenciais para a compreensão da linguagem falada, como pronomes, verbos, adjetivos e conjunções, geralmente está prejudicado na criança com autismo. (DELFRATE; SANTANA; MASSI, 2009, p.323)

Dentre as dificuldades de linguagem observadas em pessoas com TEA, Cunha, Bordini e Caetano (2015, pp. 18–19) destacam as seguintes:

- Taxa diminuída de atos comunicativos pré-verbais;
- Atraso no desenvolvimento do gesto apontar;
- Uso de maneiras não convencionais de comunicação: puxar a pessoa pela mão, ao invés de apontar ou olhar;
- Resposta diminuída ao chamado do seu nome;
- Padrão restrito de comportamento comunicativos limitados a regulação (conseguir que as pessoas façam ou não as coisas);
- Uso limitado de comunicação para interação social ou estabelecer atenção compartilhada;
- Déficits no faz de conta e jogos imaginativos;
- Capacidade limitada de imitar;
- Ecolalia imediata ou tardia;
- Dificuldades com pronomes;
- Conversa a dois: dificuldades em mudar de assunto, responder a dicas sociais, manter tópicos oferecidos por outros.

Pode-se perceber, portanto, que as dificuldades de linguagem e comunicação da pessoa com TEA são amplas e abrangem diferentes níveis e etapas do uso da linguagem, desde aspectos pré-

verbais, passando pela linguagem receptiva, pelo emprego dos componentes gramaticais, pela inflexibilidade na variação temática e pela presença de ecolalia na fala.

A fala ecoláctica é considerada por alguns autores como um dos traços ou sintomas mais recorrentes em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (LIMA; REHBERG, 2015), consistindo em “repetir integralmente uma sequência linguística previamente enunciada pelo interlocutor, sem aparente relação com o contexto” (LIMA; REHBERG, 2015, p. 74). Segundo os mesmos autores, a ecolalia pode ser classificada como imediata — quando ocorre logo após o enunciado-modelo — ou tardia — quando se manifesta após um intervalo relativamente longo em relação ao enunciado original. Tanto a ecolalia imediata quanto a tardia podem ocorrer por meio da repetição exata das palavras produzidas pelo enunciador ou com modificações, como acréscimos ou supressões de elementos; neste último caso, denomina-se ecolalia mitigada.

Dessa forma, observa-se que tais dificuldades podem restringir significativamente o uso efetivo da língua, refletindo, em muitos casos, uma linguagem excessivamente objetiva, centrada na função denotativa, com escassez de elementos coesivos e ausência de flexão verbal (DELFRATE; SANTANA; MASSI, 2009).

Ao observar uma pessoa com TEA em seu uso cotidiano da língua, é possível perceber, em alguns casos,

Seus enunciados não são contínuos e ela tem dificuldade em engajar uma conversa, em fornecer informações, e principalmente em expressar suas ideias. Na maioria dos casos ela parece não saber o que são e para que servem as palavras. (DELFRATE; SANTANA; MASSI, 2009, p.323)

Essa descrição, ao indicar uma possível não compreensão do significado das palavras ou de sua função, conduz à compreensão de que o processo de estruturação da língua em pessoas com TEA pode apresentar falhas, uma vez que “a palavra é material privilegiado da comunicação cotidiana, vinculada a uma esfera ideológica particular. É em seu domínio que a comunicação se situa” (CYRANCA, 2015, p. 31).

3 MODALIDADE

Nesta segunda seção, apresenta-se a definição de modalidade, bem como suas divisões e classificações.

3.1 DEFINIÇÃO

Para Simon C. Dik (1997, p. 3), “uma língua é, antes de tudo, concebida como um instrumento de interação social entre os seres humanos, utilizada com a intenção de estabelecer relações comunicativas”. A partir dessa concepção, comprehende-se que a categoria modalidade desempenha um

papel fundamental, uma vez que pode ser definida como “a qualificação que caracteriza a atitude do emissor no ato da fala, podendo este comprometer-se ou não com o enunciado” (GUIRALDELLI; NOGUEIRA; SILVA; SILVA, 2011, p. 354). Ao marcar o enunciado, comprometendo-se, em alguns momentos, mais intensamente e, em outros, de forma menos explícita com a informação veiculada, o falante busca influenciar seu(s) interlocutor(es).

Nessa mesma linha de raciocínio, Maria Helena de Moura Neves (2007, pp. 151–152) atribui à modalidade o estatuto de uma categoria automática, uma vez que o indivíduo inevitavelmente marca seus enunciados quanto à veracidade do fato ou assume algum grau de comprometimento em relação a ele. O simples uso de determinada entonação na fala ou a escolha lexical já pode conferir valor modal ao enunciado produzido. Saint-Pierre (apud Neves, 2007, pp. 168–169), com base na teoria dos atos ilocucionários, classifica os modalizadores em três tipos:

- marcadores prosódicos (componentes ligados a voz, reforçam a modalização expressa pelos outros marcadores);
- marcadores morfológicos e sintáticos (colocação em relevo, locuções de intensidade, a forma impessoal, auxiliares modais e os advérbios modais);
- marcadores discursivos (capazes tanto de ultrapassar o espaço da proposição quanto indicar convenções de emprego da língua).

No que se refere à manifestação das modalidades, em Maria Helena de Moura Neves (2002, pp. 173–179) encontram-se as seguintes formas de realização da modalidade:

- verbo auxiliar modal;
- verbo de significação plena, indicador de opinião, crença ou saber;
- advérbio (que pode ou não estar associado a verbo auxiliar modal);
- substantivo (bastante recorrente na posição de objeto de verbo-suporte);
- as próprias categorias gramaticais do verbo da proposição (tempo, aspecto e modo), frequentemente associadas, por sua vez, a lexemas modalizadores.

O conceito de modalidade tem origem nos estudos da lógica e foi, posteriormente, incorporado às investigações linguísticas. Neves (2002, p. 171) esclarece que o ponto de cisão entre lógica e linguagem, no que diz respeito às modalidades, reside justamente em seu caráter não lógico. Ao tratar da classificação das modalidades, Neves (2007) apresenta a perspectiva de diferentes autores, recuperando o percurso histórico do conceito, cujo ponto de partida se encontra nas modalidades aléticas ou aristotélicas. De modo geral, observa-se que as modalidades se organizam em dois grandes eixos: o eixo do dever — que envolve proibições e obrigações — e o eixo do conhecimento.

Para este trabalho, adotam-se os estudos de Kees Hengeveld (2004), que propõe a classificação das modalidades a partir de dois parâmetros fundamentais: o alvo da avaliação e o domínio da avaliação.

3.2 ALVO DA AVALIAÇÃO

O parâmetro alvo da avaliação, na perspectiva de Kees Hengeveld (2004), refere-se à porção do enunciado que é submetida à modalização. A partir desse critério, podem ser identificados três tipos de alvo, conforme descrito a seguir:

- a) Modalidade orientada para o participante – refere-se à relação estabelecida entre um participante de um evento e a realização potencial desse evento;
- b) Modalidade orientada para a proposição – diz respeito à especificação do grau de comprometimento do sujeito enunciador em relação à proposição apresentada;
- c) Modalidade orientada para o evento – incide sobre a descrição de um evento contida no enunciado.

3.3 DOMÍNIO DA AVALIAÇÃO

Quanto ao domínio da avaliação, Hengeveld (2004, p. 1193) define-o como “the perspective from which the evaluation is executed”. O autor subdivide esse parâmetro em cinco tipos:

- Modalidade facultativa (dinâmica) – relacionada às capacidades ou habilidades do indivíduo;
- Modalidade deôntica – relacionada àquilo que é moral, social ou legalmente permitido;
- Modalidade volitiva – relacionada àquilo que é considerado desejável ou efetivamente desejado;
- Modalidade epistêmica – relacionada ao conhecimento que se tem acerca de determinado estado de coisas, em relação ao mundo real;
- Modalidade evidencial – relacionada à fonte da informação expressa em um enunciado.

Nas palavras de Maria Helena de Moura Neves (2007, p. 151), “o primeiro problema que se apresenta ao investigador da modalização dos enunciados de uma língua natural está na própria conceituação da categoria modalidade, que não é, absolutamente, pacífica”. Essa constatação torna-se evidente diante de definições semelhantes, embora não idênticas, propostas por diferentes autores (cf. Neves, 2007, pp. 152–157). Assim, para um encaminhamento mais preciso deste trabalho, opta-se por focalizar as modalidades epistêmica, deôntica e dinâmica, conforme proposto por Hattnher (2008, p. 135):

Embora não haja consenso em relação aos valores que tipificam cada categoria modal, a maior parte das propostas de classificação identifica três tipos distintos de modalidade: deôntica, epistêmica e dinâmica.

4 DADOS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Abaixo, apresentam-se os dados coletados e, posteriormente, procede-se à sua análise à luz da base teórica que fundamenta este artigo. O material foi obtido a partir da transcrição da fala da mulher autista Amanda Paschoal, proferida em referência ao Dia do Orgulho Autista. A exposição ocorreu durante audiência pública na Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal, realizada em dezoito de junho de 2018. O registro encontra-se integralmente disponível na internet, em um vídeo com aproximadamente dezoito minutos de duração, acessível por meio do link:

<https://www.youtube.com/watch?v=AO47T40fEyU>

A transcrição foi realizada com adaptações das normas do Projeto NURC (PRETI, 1993, pp. 11–12), tomando como base as unidades de entonação propostas por Wallace Chafe (1998, p. 1), que define unidades de entonação como:

“conjunto de palavras combinadas sob um único e coerente contorno entonacional caracterizado por um ou mais picos entonacionais e uma cadênciā típica de final de oração ou de final de sentença, geralmente precedidas por uma pausa”

4.1 DADOS ENCONTRADOS E RESPECTIVA ANÁLISE

O objeto desta pesquisa são as modalidades deôntica, epistêmica e dinâmica. Nos dados analisados, foram identificadas trinta e nove ocorrências dessas modalidades, as quais foram classificadas conforme apresentado no quadro a seguir:

Tabela 1

Modalidade	Ocorrência
Epistêmica	6
Deôntica	29
Dinâmica	4

Fonte: Autores.

Observa-se uma assimetria na distribuição das ocorrências: enquanto as modalidades epistêmica e dinâmica apresentam índices de frequência semelhantes, a modalidade deôntica sobressai de maneira significativa, uma vez que, isoladamente, corresponde a mais de setenta por cento do total de ocorrências.

No que se refere à expressão da modalidade epistêmica, identificam-se advérbios, verbos auxiliares, verbos de significação plena e combinações do tipo advérbio + verbo de significação plena, os quais são apresentados de forma mais detalhada abaixo:

Tabela 2

Manifestação da modalidade epistêmica	Ocorrência
Advérbio	realmente
Verbo auxiliar	Pode (2)
Verbo de significação plena	Acho, achar
Advérbio + verbo de significação plena	Não sei

Fonte: Autores.

Observa-se diversidade nas formas pelas quais a enunciadora realiza a modalidade epistêmica, embora se identifique certa preferência pelo emprego de verbos de significação plena.

No que diz respeito ao valor atribuído — possibilidade, probabilidade ou certeza —, das seis ocorrências analisadas, duas indicam grau de certeza (realmente, não sei), enquanto as demais expressam possibilidade. Esses dados apontam para uma tendência ao uso de advérbios na expressão de certeza, ao passo que os verbos — sejam eles plenos ou auxiliares — são utilizados preferencialmente para marcar possibilidade.

Quanto ao alvo da avaliação, encontramos o seguinte:

Tabela 3

Alvo da avaliação	Ocorrência
Modalidade orientada para o evento	4
Modalidade orientada para a proposição	2

Fonte: Autores.

A modalidade dinâmica foi observada em quatro ocorrências, sendo duas representadas pelo verbo poder e as demais pelo uso das expressões “não tem como” e “não tinha mais como”, ambas veiculando a ideia de capacidade. Seguem os excertos em questão:

..Não dá para identificar se elas *não têm como* expressar vontade.
..Então eles *não tinha mais como* sustentar aquele projeto e foi encerrado.

Quanto ao alvo da avaliação, todos os exemplos estão orientados para o participante do evento.

O domínio da avaliação mais recorrente em todo o córpus foi a modalidade deôntica, conforme já explicitado no início desta seção. Sua ocorrência pode ser classificada conforme o quadro a seguir:

Tabela 4

Manifestação da modalidade deôntica	Ocorrência
Verbo auxiliar	Tem (5), tenho, tinha, devem (2), deve (2), poder, podia
Adjetivo em posição predicativa	Preciso
Advérbio + verbo auxiliar	Não tinha, não pode (7), não podem
Verbo de significação plena	precisa (2), precisam
Verbo de significação plena + advérbio	Precisando também
Verbo de significação plena + verbo auxiliar	Preciso ter (2)

Fonte: Autores.

No que diz respeito ao alvo da avaliação, conforme proposto por Kees Hengeveld (2004), a modalidade deôntica pode orientar-se tanto para o participante quanto para o evento. A seguir, apresentam-se as informações resultantes da análise desse parâmetro:

Tabela 5

Alvo da avaliação	Ocorrência
Modalidade orientada para o participante	21
Modalidade orientada para a evento	8

Fonte: Autores.

Considerando ainda o alvo da avaliação, é possível traçar um panorama geral no qual se verifica a maior incidência da modalidade, seja ela orientada para o participante, para o evento ou para a proposição.

Tabela 6

Alvo da avaliação	Ocorrência
Modalidade orientada para o participante	24
Modalidade orientada para a proposição	4
Modalidade orientada para o evento	12

Fonte: Autores.

4.1.1 Análise dos dados

A análise dos dados apresentados pauta-se em uma ótica tripartida: inicialmente, realiza-se um breve exame do contexto de produção dos enunciados; em seguida, analisam-se as expressões de modalidade identificadas, em contraposição às características de linguagem — sobretudo às dificuldades linguísticas — da pessoa com TEA, apresentadas anteriormente; por fim, investigam-se alguns efeitos de sentido pretendidos pela enunciadora ao modalizar seus enunciados.

4.1.2 O contexto de produção

Como já mencionado, a fala ocorreu em decorrência do Dia do Orgulho Autista, na Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal. Nessa ocasião, a enunciadora, ao representar pessoas autistas — uma vez que ela própria é uma mulher autista —, tinha como objetivo explicar o tema, especialmente os motivos que fundamentam o Orgulho Autista, conforme se pode observar a partir de suas próprias palavras:

..umm u Primeiro vamo/ entender o que que significa o orgulho,

Pode-se observar que o papel assumido pela enunciadora consiste em apresentar a pessoas neurotípicas aspectos da realidade vivenciada por pessoas atípicas ou neurodivergentes — ou, mais

especificamente, por pessoas autistas. Nesse contexto, é possível supor que a enunciadora mobilize cinco tipos básicos de informação:

- apresentar informações relativas à realidade e às vivências das pessoas autistas, relacionando-as à temática do Orgulho Autista;
- expor situações associadas às obrigações e imposições dirigidas às pessoas autistas em seu cotidiano;
- apresentar situações concernentes às obrigações e deveres da sociedade para com as pessoas autistas;
- apresentar e explicar aspectos relacionados às capacidades e habilidades das pessoas autistas;
- apresentar e explicar — possivelmente em um movimento de contraponto — situações e habilidades de pessoas com processamento típico, seja em atividades cotidianas, seja na interação com pessoas autistas.

Esses cinco pontos configuram um contexto particularmente favorável à modalização dos enunciados.

Outro aspecto que merece consideração é o fato de a fala analisada não se caracterizar como espontânea, mas como uma participação em um evento para o qual a convidada dispôs de tempo de preparação. Observa-se, inclusive, por meio do registro em vídeo, que a enunciadora segue tópicos e anotações previamente organizados. Esse fator pode ter influenciado a baixa ocorrência de modalizadores epistêmicos, sobretudo daqueles associados às noções de probabilidade ou possibilidade, uma vez que a preparação prévia tende a reduzir espaços de incerteza no discurso.

Os pontos quatro e cinco referem-se à modalidade dinâmica, que apresentou baixa incidência ao longo de todo o córpus. Esse dado mostra-se relevante, considerando que, em uma fala sobre pessoas que apresentam algum tipo ou grau de comprometimento na realização de atividades — ou que são frequentemente julgadas incapazes por indivíduos considerados “normais” —, poderia-se esperar uma maior frequência de marcas modais relacionadas a capacidades ou habilidades. No entanto, pode-se inferir que, ao abordar o Orgulho Autista e a importância de um dia específico para sua celebração, não se faz necessário enfatizar competências individuais. Além disso, tal enfoque não se mostraria coerente, uma vez que a celebração da neurodiversidade pressupõe o reconhecimento do indivíduo independentemente de suas características ou capacidades.

A modalidade deôntica, por sua vez, assume papel central no contexto de produção, uma vez que, ao tratar do Orgulho Autista, a enunciadora inevitavelmente aborda questões relacionadas à imposição de comportamentos típicos às pessoas com TEA e aos efeitos dessa repressão — que, em determinados casos, pode assumir contornos de violência simbólica ou mesmo de tortura — sobre a vida desses indivíduos.

4.2 EXPRESSÃO DA MODALIDADE E AS DIFICULDADES DE LINGUAGEM DA PESSOA COM TEA

Na subseção dedicada à linguagem da pessoa com TEA, apresentou-se a informação de que o domínio de determinadas estruturas linguísticas — como pronomes, verbos, adjetivos e conjunções — pode encontrar-se prejudicado (DELFRATE; SANTANA; MASSI, 2009, p. 323). Como observado, algumas dessas estruturas desempenham papel relevante na expressão da modalidade. Desse modo, é plausível supor que indivíduos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista apresentem especificidades na modalização de seus enunciados.

Observa-se, por exemplo, a baixa ocorrência de advérbios e de adjetivos em posição predicativa, com predominância de modalizações realizadas por meio de verbos, sejam eles de significação plena ou auxiliares. No âmbito da modalidade epistêmica, a expressão de possibilidade ou probabilidade pode ocorrer por meio de adjetivos (provável, possível) ou advérbios (possivelmente, provavelmente). A não utilização dessas estruturas pode comprometer a produção de enunciados epistemicamente modalizados, o que, aliado ao que foi exposto na subseção anterior, contribui para explicar a reduzida ocorrência desse tipo de modalizador.

Essa característica da linguagem da pessoa autista também auxilia na compreensão da baixa incidência de modalidades orientadas para a proposição ou para o evento. Conforme aponta Maria Helena de Moura Neves (2002), os advérbios tendem a incidir, de modo geral, sobre a proposição, embora, em determinados contextos, possam incidir sobre um constituinte específico, como ocorre na modalidade deôntica, que normalmente incide sobre o evento.

4.3 EFEITOS DE SENTIDO

Nesta seção, analisam-se, no interior dos três tipos de manifestação modal, os efeitos de sentido produzidos a partir de seus usos.

A modalidade epistêmica pode expressar certeza, possibilidade ou probabilidade (NEVES, 2007) em relação a um fato do mundo real (HENGELVELD, 2004). Nos enunciados examinados, dois apresentaram valor de certeza, enquanto os demais indicaram valor de possibilidade.

..se você procurar Ivar Lovaas no Google se... só metade do resultado vão mostra/ como que ele realmente torturou autistas.
..Mas mesmo assim da::s...
..acho que 11 crianças que participaram,
..disseram que não funcionou e muitas desenvolveram depressão e se suicidaram depois.

Observa-se que, no primeiro caso, a modalização é empregada para intensificar a informação apresentada, evidenciando um alto grau de comprometimento do enunciador com o conteúdo enunciado, em função do valor de certeza atribuído. No segundo caso, por sua vez, o modalizador

exerce a função de atenuar a informação, uma vez que não há plena certeza quanto à veracidade do fato mencionado.

A modalidade dinâmica, ou facultativa, é utilizada para expressar habilidades e capacidades do indivíduo, conforme proposto por Kees Hengeveld (2004). No contexto analisado, essa modalidade foi empregada tanto para expressar habilidades de indivíduos autistas quanto de indivíduos típicos.

..Não dá para identificar se elas *não têm como* expressar vontade.
..Então eles *não tinha mais como* sustentar aquele projeto e foi encerrado.

Considerando que todos os excertos analisados constituem exemplos de modalidades orientadas para o participante, observa-se que todos descrevem as habilidades de um participante em relação ao evento expresso no predicado, conforme Kees Hengeveld (2004).

No que se refere à modalidade deôntica, conforme discutido anteriormente, esta se relaciona a deveres e permissões (Maria Helena de Moura Neves, 2007) e pode tanto caracterizar um evento — isto é, aquilo que é considerado legal ou moral dentro de uma convenção de regras — quanto descrever um participante que, diante de um evento expresso no predicado, recebe permissão ou assume a obrigação de engajar-se nesse evento (HENGELD, 2004).

Entre os efeitos de sentido mais recorrentes nos enunciados analisados, destaca-se aquele associado à obrigação do participante:

..e a mãe lá.. ela tinha que ignorar o filho enquanto ele estivesse brincando com os brinquedos menina,
.. tem que olhar nos olhos,
..tem que falar da forma certa,
..não pode repetir a mesma coisa um milhão de vezes.

Observa-se que, ao modalizar esses enunciados, torna-se evidente a noção de obrigação, a qual se manifesta sempre que se trata da forma como a sociedade se posiciona diante da pessoa com TEA — frequentemente impondo regras sobre seus comportamentos, conforme se pode observar a seguir:

..você não pode exigir que eu seja outra pessoa para poder ter acesso ao suporte da sociedade que todo mundo tem.
..assim como na' características dos autistas são associados a coisas ruins que...,
..devem ser eliminadas.

Outra ocorrência refere-se a condições ou regras para que determinada situação ou evento se realize:

..foi preciso ter um movimento black is beautiful,
..para que as pessoas reconhecessem o negro como.. bonito né.
..para conseguir ser uma pessoa reconhecida,
..como (em) direito em igualdade de direitos e deveres.,



..de oportunidades.. é preciso uma mudança profunda no sistema né.

Observa-se que, nesse caso, a modalização não incide sobre um participante específico, mas sobre uma situação cuja realização está condicionada ao cumprimento de uma regra ou à ocorrência de determinado acontecimento.

5 CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho consistiu em verificar o comportamento das modalidades na fala de uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista e analisar, a partir de uma perspectiva funcionalista, se as dificuldades de linguagem associadas ao TEA influenciam a forma de manifestação dessas modalidades.

Com base na transcrição da fala de Amanda Paschoal, proferida na Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal por ocasião do Dia do Orgulho Autista, procedeu-se ao levantamento das modalidades identificadas e à tabulação de suas ocorrências. Foram observadas manifestações das modalidades deônica, dinâmica e epistêmica, com predomínio da modalidade deônica, que correspondeu a mais de setenta por cento do total de ocorrências.

A análise indica que, embora as dificuldades de linguagem — conforme descritas no referencial teórico — influenciem a forma de manifestação das modalidades, no caso examinado tais dificuldades não alteraram de modo relevante os efeitos de sentido produzidos pelos enunciados, considerados a partir do contexto discursivo e das funções comunicativas desempenhadas no evento analisado.

REFERÊNCIAS

ASSOCIATION, American Psychiatric. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992 p. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento.

BIASÃO, M. C. R. Transtorno do Espectro Autista. In: MORI, N. N. R.; CEREZUELA, C. (Org.) Transtornos globais do desenvolvimento e inclusão: aspectos históricos, clínicos e educacionais. Maringá: Eduem, 2014.

BRASIL. Congresso. Senado. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa Com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF, 27 dez. 2012.

BRUNELLI, Anna Flora; AGLIO-HATTNER, Marize Mattos Dall. A qualificação do dever: diálogo entre a análise do discurso e a abordagem funcional. *Gel*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 179-190, 2009.

COMPARINI, A. M. P. A modalização deôntica no discurso jurídico. In: PEZATTI, E. G. Pesquisas em gramática funcional: descrição do português. S. Paulo: Unesp, 2009. p. 173-201.

CUNHA, Gracielle Rodrigues da; BORDINI, Daniela; CAETANO, Sheila Cavalcante. Autismo, transtornos do espectro do autismo. In: CAETANO, Sheila Cavalcante; HERNANDES, Maria Célia Lima-; PAULA, Fraulein Vidigal de; RESENDE, Briseida Dogo; MÓDOLO, Marcelo (org.). Autismo, Linguagem e Cognição. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. Cap. 1. p. 13-24.

CYRANKA, Lúcia F. Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (org.). Pedagogia da diversidade linguística: língua, variedade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. Cap. 2. p. 31-51.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Campos semânticos modais: a modalidade dinâmica. In: ANTONIO, J. D. Estudos descritivos do português: história, uso, variação. São Carlos: Claraluz, 2008. p.133-148.

DIK, Simon C. The theory of functional grammar. 2. ed. Berlin - New York: Mouton de Gruyter, 1997.

GRANDIN, Temple; PANEK, Richard. O Cérebro Autista: pensando através do espectro. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016. 251 p. Tradução: Cristina Cavalcanti.

GUIRALDELLI, Lisângela Aparecida; NOGUEIRA, Lívia Maria de Souza Maciel; SILVA, Janayna Dantas Ferreira da; SILVA, Priscila Gomes da. A Modalidade Epistêmica nos Discursos Políticos. Nucleus, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 353-367, 28 out. 2011. Fundação Educational de Ituverava. <http://dx.doi.org/10.3738/1982.2278.626>.

Hengeveld, Kees. 2004. Illocution, Mood and Modality. In Booij, Geert and Lehmann, Christian and Mugdan, Joachim (eds.), Morphology: an International Handbook on Inflection and Word-Formation, vol. 2, 1190-1201. Berlin: Mouton de Gruyter.

LIMA, Cacilda Vilela de; REHBERG, Lucilene Lisboa. A multimodalidade da linguagem e os transtornos do espectro do autismo (TEA) num contexto terapêutico semidirigido. In: CAETANO, Sheila Cavalcante; HERNANDES, Maria Célia Lima-; PAULA, Fraulein Vidigal de; RESENDE, Briseida Dogo; MÓDOLO, Marcelo (org.). Autismo, Linguagem e Cognição. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. Cap. 5. p. 57-82.



MONTEIRO, Fernanda Cristina Bassetto. A inclusão escolar do aluno com transtorno do espectro autista: novos desafios e possibilidades. 2019. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

NEVES, Maria Helena de Moura. A modalidade. In: KOCH, Igodore G. Villaça. Gramática do Português Falado: volume vi: desenvolvimentos. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2002. Cap. 5. p. 171-208.

NEVES, Maria Helena de Moura. Texto e Gramática. São Paulo: Contexto, 2007.

ROGERS, Sally J.; DAWSON, Geraldine. Intervenção Precoce em Crianças com Autismo: modelo denver para a promoção da linguagem, da aprendizagem e da socialização. Lisboa: Lidel, 2014. Tradução: Mariana Brito Lança e Sara Rodrigues.

SILVA, Flaviana Veríssimo da; MORELI, Joice da Silva; ROMA, Renata Paula da Silva. Transtorno do espectro do autismo: a linguagem como instrumento de acesso à cognição. In: CAETANO, Sheila Cavalcante; HERNANDES, Maria Célia Lima-; PAULA, Fraulein Vidigal de; RESENDE, Briseida Dogo; MÓDOLO, Marcelo (org.). Autismo, Linguagem e Cognição. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. Cap. 4. p. 39-56.